

*o complexo melancólico*



*Guido Arosa*

*o complexo melancólico*

---

G a r a m o n d

Copyright © 2019, Guido Arosa

Direitos cedidos para esta edição à  
Editora Garamond Ltda.  
Caixa Postal: 40.854  
Cep: 20.261-970 - Rio de Janeiro – Brasil  
Tel: (21) 2504-9211  
editora@garamond.com.br  
www.garamond.com.br

*Este livro foi laureado com o Prêmio Rio de Literatura 2017, categoria  
Novo Autor Fluminense, promovido pela Fundação Cesgranrio e pela  
Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro*

Revisão  
*Alberto Almeida*

Diagramação  
*Editora Garamond*

Capa  
*Estúdio Garamond*  
Foto de capa: Alair Gomes, série “Symphony of erotic icons (1966-1978)”  
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

A79c  
Arosa, Guido  
O complexo melancólico / Guido Arosa. - 1. ed. - Rio de Janeiro :  
Garamond, 2019.  
280 p. ; 21 cm.  
ISBN 9788576174769  
1. Ficção brasileira. I. Título.

19-56148

CDD: 869.3  
CDU: 82-3(81)

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação,  
por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias. Mas preparado estou para sair discretamente pela saída da porta dos fundos. Experimentei quase tudo, inclusive a paixão e o seu desespero. E agora só queria ter o que eu tivesse sido e não fui.

*A hora da estrela* – Clarice Lispector



A Filomela tiraram a língua,  
E ela pôde bordar o que pensava.  
Mas você, querida sobrinha, foi privada desses meios,  
Pois enfrentou um Tereus mais astuto,  
Que lhe cortou os dedinhos tão lindos,  
Superiores aos de Filomela.  
Se o monstro visse suas mãos de lírio  
Tocar como uma pluma o alaúde  
Dando prazer às cordas que beijava,  
Nem pela vida as teria podado.  
(...)  
Vamos, venha comigo deixar seu pai cego,  
Pois tal visão cega os olhos de um pai;  
A chuva de uma hora encharca o campo;  
Que farão meses do pranto de um pai?  
Não partas; pois será nosso o seu lamento:  
Mas pranto não aplaca sofrimento.

*Titus Andronicus* – William Shakespeare





*Aos abusados e homossexuais*



# Sumário

---

- O complexo melancólico, **13**
- Somos todos felizes, **23**
- Nossa Senhora dos Queimados, **27**
- De Aquaman para Speed Racer, **31**
- O que você me deixou, **35**
- Morando com vovó, **39**
- Inventário, **45**
- Do que foi perdido, **47**
- Morrer àquele dia, **49**
- Os garotinhos, **51**
- Ele diz me querer, **53**
- A dor, **57**
- O homem e a ilha, **61**
- Quero uma praia sem mar, **65**
- Antes da primeira comunhão, **67**
- O celeiro, **69**
- Tríptico-dor: homossexual,  
abusado, doente, **105**
- Dia a dia, agonia-alegria, **131**
- É apenas o fim do mundo?, **279**



## O complexo melancólico

---

“O complexo melancólico se comporta como uma ferida aberta”

*Luto e melancolia* – Freud

Com a rejeição que meu pai demonstra a meu sexo, entendo como crime o que deveria entender como amor. Enquanto uns têm o direito de ostentar alianças, tenho apenas o de ostentar a clausura. Nasci outra coisa que ele definitivamente não teve a capacidade de vislumbrar. Os anos passam e a hipocrisia só parece aumentar. Fui estuprado quando criança. Estuprado! Mas para ele isso não deve ter sido tão grave em comparação ao fato de eu acessar sites pornográficos. Nunca perderei meu pai por ter dado a impressão de não se importar com o estupro. Mentira, impressão nada: realidade. Não sentirei pena dele. Como ele quer que o trate bem, se ele mesmo me vê como um estranho, que necessita ter seus costumes ceifados? Todos fazem o que faço. Todos, sem exceção. Não sou anormal. Ele é patético ao dizer que me ama ao passo que diz não entender minha condição. Então, ele não me ama, caralho. Não tenho mais motivos para viver essa relação masoquista. Minha mãe

pode ser tudo, mas ela pelo menos me aceita mais que ele (é o que parece). E isso é a verdade. Não pedi para nascer. Sou assim ou por culpa deles, ou por culpa de Deus. Não busquei esse destino, fui fadado a ele. Cansei de transformar minha tristeza em lágrimas e, agora, ela sempre será arte. Porque a arte não me julga, não tenho que ter medo da arte, ela me entende, me aceita. Na arte, não sou uma exceção. Ando na rua (pior, vejo nos olhos de meus parentes) e percebo os olhares, como que soubessem e que julgassem. Por mais que me tratem bem, sei que uma hora a mão será virada na minha cara: “sujo!” Não adianta o tanto de atenção, de carinho, de amor, de ajuda... Por mais que eles, de algum modo, sempre tenham sabido, se um dia sair da minha boca a realidade, se um dia for vista pelos olhos deles a minha realidade, serei espancado. Minha relação com as pessoas é sempre muito ambígua, pois ao mesmo tempo em que as trato bem (quero que me amem), as rejeito (sei que sabem de mim e que por isso me enjoam).

Meu pai me faz lembrar cotidianamente de algo que já não tenho há tempos: amor. É pelo sexo que ele me julga e repele, mas os dos meus também me rejeitam.

Quando estou diante de uma situação de rejeição familiar explícita, não consigo prever o futuro. Me implodo e sinto que amanhã não há; que se hoje é assim, amanhã só irá piorar; que tenho que procurar um analista sério o mais rápido possível, antes que enlouqueça e me acabe.

Meu irmão vê pornografia também! E você não o julga por isso. Já vi uns pacotes de camisinha no seu criado-mudo e na bolsa da mamãe. Quando meu irmão foi transar pela primeira vez, você comprou camisinha para ele. Você o incentivou a fazer o que não queria que eu fizesse.

Eu sumo.

Fim – meu fim.

Mas não! Luto e posso. Tenho ainda meus direitos e minha dignidade.

(Escrevi o relato acima à mão, em um pedaço de papel, após um dia de fúria, e o acabei esquecendo no meio da sala. Meu pai encontrou, leu, e pensou que o havia deixado lá de propósito, para que ele lesse. Peguei a folha, corri para o quarto, me tranquei e a guardei.)

“(...) o fato é que o prazer sexual se paga quase sempre muito caro; mais cedo ou mais tarde, por cada minuto de prazer que vivemos, passamos depois anos de sofrimento; não se trata de vingança de Deus, é a vingança do diabo, inimigo de tudo que é belo” (*Antes que anoiteça* – Reinaldo Arenas).

\*\*\*

Não vou esperar mais nem um segundo para julgar quem realmente deve ser julgado: o estuprador! Ele, o filho da puta, psicanalista, o homem que tinha por obrigação me estudar, me analisar, me entender, me encaminhar, mas que apesar de tudo me usou, me deturpou, me colidiu, me gozou, me estuprou como se eu fosse uma simples galinha dentre tantas outras em um poleiro. Durante anos, carreguei em um saco vazio, porém pesado, o desprazer de ter sentido prazer com 12 anos ao lado de um velho gordo e careca de 56. Mas o trauma finca raízes e não consigo sair dele. Ele está em mim. Vivo o trauma. Achei que o que fazia era viver, mas mentira: apenas arrasto uma corrente. “Cure-o de sua homossexualidade”, quiseram meus pais. Mas o analista não podia me curar de uma